



As nossas actrizes: — Elisa Carreira, uma das nossas mais galantes "diverfes", no "trevo de quatro folhas" das "Rosas de Portugal"

ALMA NOVA

SUMÁRIO DÊSTE NÚMERO

AS NOSSAS ACTRIZES: Elisa Carreira nas "Rosas de Portugal" (gravura);
DIALOGO, por Maria Rosa Guimaraes de Silva; A MARGEM DOS FACTOS:
Crónica, por Mateus Moreno; As Cartas de Amor em Portugal (cont.), por Júlio
Dantes; A Mulher Portuguesa, por Luis Chaves; RECREIO DOS MATUTOS:
Charadas, enigmas, anedotas e adivinhações, por Temusa; PELO ALGARVE: A
"Casa dos Algarvios" em Lisboa, e o "Instituto Algarvio" de Coimbra, pela Re-
dacção; O ECO NACIONAL (página gráfica de actualidades): Tomás Cabreira.

NOTÍCIAS & PUBLICIDADE

"COLECCÃO RESSURGIMENTO"

Direcção: Calçada João do Rio, 8-1.º ■ LISBOA

Romances, peças de teatro e novelas, de autores nacionais e estrangeiros, estudos sociais, económicos, artísticos, etc., em belos volumes de 60 a 100 páginas

.... Cada volume Esc. 3\$500

Assinaturas por 5 volumes: Escudos 15\$00 (Pagamento adiantado). Edições de luxo, preços especiais.

Todos que se interessam pela boa leitura, devem fomentar o desenvolvimento desta "Colecção"

..... Volumes já saídos ou a entrar no prelo:

I — Bibliographia Portuguesa da Grande Guerra (Notas subsidiárias para uma), pelo capitão José Brandão, ed. il. ref. do autor (Aquisição autorizada pela O. E. n.º 4 (1.ª s.) de 1928)	3\$50	Sebastião da Costa. Edição profusamente ilustrada e de interesse para todas as províncias (id.)	3\$50
II — O Louco Amor , Novela passionnal por D. Ramon Maria Tenreiro. Versão de Eunice Franco. Prefácio de Fidelino de Figueiredo, c. ref. do A.	3\$50	VI — Impressões de Angola . (Ecos duma viagem de exploração científica), pelo Dr. F. d'Ascensão Mendonça (em preparo)	3\$50
III — Espanha Maravilhosa . (Sevilha e Córdova), por José Dias Sancho (a entrar no prelo)	3\$50	Mateus Moreno: EDIÇÕES VARIAS	
IV — Teatro : Peças de Dr. Luis d'Oliveira Guimarães e Mateus Moreno (id.)	3\$50	A Nova Guerra e a Artilharia (Aquisição autorizada)	7\$50
V — A Mulher Portuguesa , por Cláudio Baslo, Luis Chaves e		Rebêlo de Bettencourt:	
		O Mundo das Imagens (crónicas, retratos e viagens)	7\$50
		Dr. Luis d'Oliveira Guimarães:	
		O Diabo, Mestre de Dança (crónicas modernas)	7\$50

(Desconto de 20 % aos assinantes da "ALMA NOVA")

■ ■ OUTRAS EDIÇÕES ■ ■

Pedidos à C. João do Rio, 8-1.º — LISBOA



Peça-nos

"A GAROTA"

As mais belas páginas de Arte e humorismo

N.ºs 1 a 4, cada . . . 1\$00

**CAMPANHAS
CAMILIANAS**

— POR —

OLDEMIRO CESAR

— E —

CRUZ MAGALHÃES

(Com ilust. de Rafael Bordalo)

Vol. broch. 3\$500

(Quási esgotado)

**O MUNDO
DAS IMAGENS**

**CRÓNICAS
RETRATOS
E
VIAGENS
DE**

Rebêlo de Bettencourt

Um belo vol. de 160 pág., 7\$50

Livro da maior actualidade e interesse



— Porque estás tu assim doida por êsse pobre cego?...

— Porque me lembro da-quele outro que vem na No-vela «O LOUCO AMOR».

Por MATEUS MORENO:

"SANGUE D' EPOPEIA"

A **ARTILHARIA PORTUGUESA NA FLANDRES**

(Livro oficialmente recomendado)

1 vol. ils. de 150 págs. 3\$500

DA GUERRA E DA PAZ:

"SINFONIA MACABRA"

1 vol. ils. 2\$500

COOPERATIVA EDITORA
"RESSURGIMENTO"

DESCONTOS



GARANTIAS

■ AUXÍLIOS ■

Sócios de Consumo 20\$00
" " Interesse 500\$00

Inscrição: C. João do Rio, 8-1.º — LISBOA

Por Dr. M. F. DO ESTANCO LOURO:

Os Lusíadas

e
O Povo Português

I
NO VOCABULÁRIO

1 volume 7\$50

"Caderno de Gramática Portuguesa"

para a 1, II e III classes dos liceus
(de harmonia com o programa em vigor)

Cada 3\$50

A sair: **"O LIVRO DE ALPORTEL"**

Peça hoje mesmo o tomo I de

O DESENHO E AS MULHERES

no labor artístico de RAFAEL BORDALO

OBRA INDISPENSÁVEL EM TODAS AS ESCOLAS E BIBLIOTECAS

Cada tomo, 10\$00 Assin. da obra (3 t), 30\$00

LIVROS BARATÍSSIMOS:

Minha Pátria, poemas de Mateus Moreno, 2.ª edição	2\$50
Eça de Queirós revelado, edição ilust.	2\$50
Cantigas, de Rebêlo de Bettencourt, 2.ª edição	2\$50
Musa Algarvia, inéditos vários	7\$50
Odes de Anacreonte, por Luís Calado Nunes	2\$50

V. Ex.ª gasta mensalmente dezenas de escudos em coisas inúteis. ¿Porque não dispensa 1 apenas para a ALMA NOVA?



O ECO



NACIONAL

ALMA NOVA — N.º 13

(PÁGINA GRÁFICA DE ACTUALIDADES)

V SÉRIE — MARÇO, 1929



TOMÁS CABREIRA

Uma das maiores e mais queridas figuras algarvias, que nas Ciências, no Magistério, na Política e nas Letras exerceu lugar de relevante prestígio, devendo-lhe a província natal essa formosa bíblia de regionalismo, que se chama *O Algarve Económico*.

A CAPITAL ALGARVIA COMEMOROU, EM 23 DE JANEIRO, A DATA DO 64.º ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE TÃO GLORIOSO PATRÍCIO

PELO ALGARVE!

A "CASA DOS ALGARVIOS" EM LISBOA

TODA a imprensa da capital, Pôrto e do Algarve, acolheu com as mais disveladas mostras de carinho, a ideia da fundação da «Casa dos Algarvios», em Lisboa, ideia que lhe foi comunicada, pelo director da *Alma Nova*, na carta que segue:

«Sr. director—Por vontade e indicação publicamente expressas de alguns algarvios, perante os quais a circunstância de não possuímos ainda na capital do país um grémio que nos represente, assume, dia a dia, aspectos mais humilhantes, e ainda por ter sido um dos primeiros militantes da causa regionalista do Algarve, que prégaram a necessidade da instituição de tal grémio, tomei a iniciativa de procurar converter em realidade a ideia da fundação da «Casa dos Algarvios», em Lisboa, convidando para isso todos os meus patrícios a inscreverem-se com as verbas de que possam dispor e que só depois de atingirem o montante necessário deverão ser cobradas, sob a forma de cotas ou acções, ou de outra qualquer modalidade a fixar.

Têm sido, é certo, já numerosas e entusiásticas as adesões à deliberação prática que tomei, mas como nem todos os algarvios com ela poderiam travar conhecimento, apenas através do periódico local em que foi inicialmente apresentada, resolvi forná-la extensiva a todos os jornais do Algarve e das duas capitais do país — Lisboa e Pôrto — certo de que se trata de um assunto que não só interessa altamente a todos os algarvios, mas que implica mesmo com o seu próprio brio.

E' vasto o plano de ideias já estabelecido para a instituição da «Casa dos Algarvios», em Lisboa; porém, de início, a única fórmula prática, di-lo a experiência, é a limitação dos esforços na fundação de um grémio e escritório de informações.

O tempo e os sucessivos impulsos recebidos, ditarão, para depois, os objectivos maiores a atingir. Numerosos êles são.

Da comissão organizadora, constituída há quasi sete anos, sob a presidência do saudoso general Alberto da Silveira, faziam parte algarvios de valor e acção, que estão ainda dispostos a todos os sacrificios. Não toleram êles, todavia, que os seus restantes patrícios se não sacrifiquem tambem um pouco. A isso aqui os cito.

E a v., sr. director, igualmente confio a missão de nos auxiliar na nossa cruzada, acolhendo nas colunas do seu apreciado jornal a indicação de todas as verbas com que os subscriptores para a fundação da «Casa dos Algarvios» desejam inscrever-se por intermédio do mesmo.

Em folha especial, de distribuição gratuita, a revista *Alma Nova*, que dirijo, reunirá mensalmente todas as listas de subscrições abertas e fixará o seu montante. Para estarem ao facto dêsse movimento, e para efeitos de escrituração é, pois, indispensável que todos os subscriptores remetam os seus nomes e moradas à direcção da mesma revista — Calçada de João do Rio, 8-1.º, Lisboa.

Agradecendo de antemão, em nome de todos os algarvios, o valioso concurso do jornal que v. superiormente dirige, subscrevo-me, com a maior estima e apreço. — De v., etc., o director da *Alma Nova*, Mateus Moreno.»

Em Lisboa, *A Voz*, o *Diário de Noticias*, *As Novidades*, o *Diário de Lisboa* e *O Povo* abriram as suas colunas às inscrições de todos os algarvios que através das mesmas quiserem subscrever para a sua «Casa»; e no Pôrto, o grande diário *O Comércio do Pôrto*, acusa tambem assim a recepção do nosso comunicado:

«Grémio Algarvio — Exemplo de solidariedade e de amor pátrio é a constituição do Grémio Algarvio, que a *O Comércio do Pôrto* merece a maior simpatia e em favor do qual gostosamente receberemos quaisquer donativos que nos sejam confiados.»

A *Alma Nova*, crente que desta vez a «Casa dos Algarvios» não ficará apenas em aspirações, já tem quasi constituída a Comissão Organizadora, que deverá brevemente convocar uma grande reunião da colonia algarvia da capital, e officiar a todas as entidades administrativas do Algarve, solicitando-lhes tambem o seu auxilio.

A subscrição do *Correio do Sul*, de Faro, está em 3:650\$00 esc., importância assim discriminada:

De Lisboa: — Ten. Mateus Moreno, 100\$00; dr. Humberto José Pacheco, 1.000\$00; José Raul da Graça Mira (*), 100\$00; António Santos Mendonça, 1.000\$00; Pedro Baptista Ribeiro, 100\$00; João Sequeira Cantinho, 1.000\$00 e D. F. 50\$00.

De Coimbra: — Vieira Branco, 200\$00 e dr. Ascensão Mendonça, 100\$00.

O "INSTITUTO ALGARVIO" DE COIMBRA

COMO informamos no número anterior, os estudantes algarvios que se encontram em Coimbra acabaram de fundar ali uma instituição de caracter regional, que muito pode vir a servir o Algarve. Preside a essa instituição, de que foi o organizador principal, um algarvio ainda bastante moço, mas muito culto e empreendedor, o quintanista de medicina sr. Carlos Pedro Cabrita, que em officio, de que a seguir publicamos alguns trechos, nos expõe o que é e aquilo que pretende o *Instituto Algarvio de Coimbra*:

... Sr. Tenente Mateus Moreno, meu presado amigo. — Acuso recebida a sua cativante carta de 6 dêste mês, onde acusa o nosso officio n.º 2 e aceita o convite para, por delegação, nos representar em Lisboa;

Quando se tem muitas ideias ao mesmo tempo, em regra nada se faz. Ora, para fazer muitas coisas, julgo que é do mais elementar bom-senso, fazer uma de cada vez. Por isso, traçar ao meu bom amigo, ou em público, um plano de acção do incipiente Instituto Algarvio seria usar de disciplina mental, de consciência, e nós, em regionalismo algarvio, ainda não temos consciência colectiva: temos que criá-la.

A faina que, neste momento, nos interessa, é talvez inglória, mas precisa. Trata-se de fundar a casa. Estamos neste momento escrevendo os estatutos: cousa de doutrina genérica, para dar personalidade jurídica à agremiação. Estamos fazendo a subscrição entre os rapazes para as despesas de instalação, tudo isso é tempo indispensável.

Como vê, precisamos de sugestões, sim senhor. E se o meu estimado patrício as quiser fornecer, já que é pessoa entendida, é favor, e muito grande, que nos presta.

Na verdade, como diz, a colónia de algarvios — os sócios efectivos — é de passagem e não de fixação. Mas, amigo, uns vão e outros chegam. O mesmo acontece à Associação Académica, que eu conheci, há 6 anos, como coisa insignificante, e hoje é qualquer coisa de formidável, — creia no que afirmo.

De resto, vamos estender a rede pelo Algarve, criando gente agregada, para estabelecer o inter-câmbio, e o Instituto Algarvio, dirigido por estudantes, aglutina muita gente e fará coisa séria. E' certo que realizações de ordem mediata o Algarve as não poderá esperar de nós, mas temos um campo bem vasto — a doutrina.

Vamos convidar os intelectuais algarvios a virem a Coimbra, para os realçar e para, ante nós, enfrentarem problemas da terra. Só o facto do Algarve ter, num meio puramente intelectual como êste, um tal ponto de apoio, é coisa que se aspira há muitos anos e só agora se vai conseguir.

¿Não terá importância virem à *urbs* Universitária poetas, pintores, homens-de-letras, e sobretudo gente técnica do Algarve, mostrar êste aos homens de amanhã sob os seus múltiplos aspectos de pensamento, de Arte, de acção patriótica, e sobretudo de economia política?

¿Não terá importância o curso de climatologia médica que o dr. Geraldino Brites vai, logo que possa, aqui fazer, através da conferência, da projecção luminosa e do estudo impresso?

¿Não terá importância a Biblioteca Regional que pensamos pôr à disposição de todos os estudantes já em 1930? E a nossa acção patriótica junto dos sábios estrangeiros que vêm de longada a Coimbra aos cursos de Férias? Pensamos oferecer-lhes livros do Algarve, — propaganda toda esta desde que os escritores algarvios correspondam ao nosso apêlo, ao apêlo que lhes vamos lançar, para que nos ofereçam livros para êsse efeito.

Além disso, se houver massas ou facilidades, eu penso encarregar-me pessoalmente de publicar os manuscritos que existem nas Bibliotecas referentes à história do Algarve. E se houvesse dinheiro, julga que já não tenho pensado na publicação duma revista de estudos algarvios!?

... Como lhe dizia a principio, não se devem traçar planos de acção. As ideias são muitas, mas nada valem sem a realização.

... Façamos porisso alguma coisa, embora pouco, que o resto a seu tempo virá. E o resto, parecendo que não, custa menos do que aquilo que já está feito.

Coimbra, 11-2-929.

CARLOS PEDRO CABRITA.

(*) Compromete-se a entregar tambem, mensalmente, 25\$00 esc., até que seja fixada a cotização dos sócios.

ESTA REVISTA NÃO TEM FINS COMERCIAIS, VIVE APENAS DA DEDICAÇÃO DOS SEUS AMIGOS E COLABORADORES, NO INTUITO DE BEM SERVIR AS LETRAS E ARTES PORTUGUEAS. TODOS OS AUXÍLIOS, OU RECEITAS DE ASSINATURAS, SÃO DESTINADOS EXCLUSIVAMENTE À SUA MELHORIA E : : : : EXPANSÃO : : : :



DIRECTOR E EDITOR
MATEUS MORENO
Direcção: Calçada João do Rio, 8-1.º
LISBOA
Assin.: Ano (12 n.ºs) 10\$00; Colónias, 12\$50.
Estrangeiro, 18\$00 (25 frs.)

REDACTORES EFECTIVOS
DR. EMÍLIO SALGUEIRO, DR. LUÍS D'OLIVEIRA GUIMARÃES, DR. M. GOMES DOS SANTOS E REBELO DE BETTENCOURT.

Propriedade da Cooperativa Editora
«RESSURGIMENTO» — Lisboa.

Composição e impressão — Tipografia Minerva
VILA-NOVA-DE-FAMALICÃO

D I Á L O G O

Pequenino salão oriental lorrado de damasco vermelho. Ao canto um «divan» cheio de almofadas de todas as côres, tamanhos e feitios... No meio delas, quasi escondida, quasi enterrada, uma graciosa figurinha de mulher a dormir e a sonhar!... Um leve murmúrio, parecendo sair do sofá e duas vozes — a do Coração e a da Cabeça — segredam entre si:

A Voz do Coração: — Senhora Cabeça, eu queria pedir-lhe dois minutos de atenção, agora, enquanto a nossa dona está a dormir; poderás atender-me? E' caso urgente!

A Voz da Cabeça: — Já sei. O meu amigo apaixonou-se e vem-me pedir conselhos?! Se é isso, a má porta veio bater!

A Voz do Coração: — «A má porta vim bater?» E porquê, Santo Deus?!

A Voz da Cabeça: — Ora! Enfão o meu amigo não compreende que, sendo eu uma velha egoísta, só olho às minhas conveniências, sem mesmo querer saber se o amor existe ou o que ele é?

A Voz do Coração (tímida): — O amor é o meu único alimento...

A Voz da Cabeça (trocista): — Ai, filho, que alimento tão indigesto! Antes estivesse de dieta rigorosa...

A Voz do Coração: — Não diga isso, porque o amor é uma necessidade existir. Já pensou no que seria a Vida sem ele? — O mesmo que uma flor sem perfume ou uns olhos sem luz!

A Voz da Cabeça (rabugenta): — Pois sim, pois sim, o amor será tudo isso, mas eu cá... odeio-o!

A Voz do Coração (insidiosa): — Olhe que o ódio é o amor às avessas...

A Voz da Cabeça (fazendo-se descntendida): — Eu sou toda pela razão e contra o sentimento...

A Voz do Coração: — E eu sou pelo sentimento e também pela razão que o guia.

A Voz da Cabeça: — E's um pau de dois bicos...

A Voz do Coração (formalizada): — E a senhora é pouco delicada!

A Voz da Cabeça (querendo harmonizar): — Está bem, está bem, não vale zangar!

A Voz do Coração (maguada): — Pois não valc; mas a senhora Cabeça sempre diz cousas!...

A Voz da Cabeça: — Retiro o que disse. E agora, para consolidarmos a paz, diz lá, enfão, qual é o objecto do teu amor?

A Voz do Coração (comovida): — O objecto do meu amor? Mas é a Terra, o Mar, o Sol, a Lua e as Estrelas; o pássaro que encanta com o seu alegre chilreio e a flor que inebria com o seu perfume suave; a criança inocente que ri ao futuro e o velho trôpego que sorri ao passado; o moço corajoso que vai para a guerra e a meiga companheira que o espera chorando!

A Voz da Cabeça (enternecida): — Pobre amigo!

A Voz do Coração (cada vez mais entusiasmada): — O que eu amo, perguntas-me? Mas tudo que é nobre, belo, sublime; tudo o que vive, sente e se agita; tudo, enfim, que ame e sofra como eu!

A Voz da Cabeça (cheia de lágrimas): — Pobre amigo, pobre coração! Afinal, sendo assim tão amante, a única coisa que ele ama a valer é... o amor!

MARIA ROSA GUIMARÃES DA SILVA.





PARTE isto, o que encerra certo mistério produz maior impressão do que o que se compreende sem esforço. Já lá confessava certo abade francês, que a sua profunda

admiração pela Bíblia provinha de que, felizmente, nunca havia podido compreendê-la. Para o estudante da *Euprosina*, a carta de amor devia ser, sobretudo, elogiosa. Afagar uma mulher falando-lhe da sua beleza — e as mais feias devem ser as mais afagadas — era então e foi sempre o grande segredo da boa estrêla amorosa. Quantas mulheres se deixam vencer porque um homem lhes sabe falar melhor do que outro, não só ao seu coração, mas também à sua vaidade!

No que respeita a ciúmes, a grande fática era: «nada confessar, nada negar». O que tinha escrito a carta devia apresentar-se como um ser enigmático perante aquela que a lia, e, ao mesmo tempo, em contrapartida, devia esclarecer a mulher acerca dos seus próprios sentimentos. Enfim, o importante era mentir bem, mentir sempre. «Quanto mais se ama uma mulher, menos se lhe deve dizer a verdade». A mentira foi no século XVI, como o é hoje ainda, uma das melhores armas do amor.

Como respondia a mulher do século XVI a todas estas mentiras? Ignoro-o, mas sei, em compensação, que nas suas respostas excediam, às vezes, em malícia e em doblez os seus correspondentes. Se havia a portuguesa sincera, abrindo o seu coração, entregando-se sem reservas, como Sôror Mariana, havia também outras, que usavam e abusavam da mentira: as que ainda não amavam, as que não amavam, absolutamente. Para este pérfido jôgo a portuguesa dispunha de grandes recursos, porque escrevia muito bem.

Tomé Pinheiro de Veiga, nos começos do século XVII, falando da vivacidade das mulheres espanholas, dizia: «Raramente se lhes dirá uma coisa sem que elas respondam com outra melhor; mas se tem boa palavra, falta-lhes a pena; não escrevem tão bem como as portuguesas.» Foi precisamente nessa época que em Portugal se inventou uma linguagem especial, requintada, cheia de subtilidades, de preceitos obscuros, affectados, quasi ininteligíveis. Esta linguagem era a mais pura expressão do gosto literário da época. Foi chamada «freirática», porque nasceu da ociosidade dos conventos e do preciosismo das irmãs industriosas, dentre as quais a mais graciosa e ladina foi a célebre Sôror de Odiveias, Feliciane de Milão. Cada carta de amor era um perfeito enigma. Os mosteiros portugueses transformaram-se em verdadeiras escolas do sentimento. Os gineceus dourados de Odiveias, de Sant'Ana, de Penha Longa, de Santa Clara, criaram, não só o modelo da carta de amor, mas também todo o ritual, todo o protocolo amoroso do tempo.

Um registo da Biblioteca Nacional de Lisboa (n.º 8:609 do Teatro antigo) contém um precioso documento, ainda inédito, que nos ensina, nalguns detalhes muito íntimos, como as irmãs — as grandes professoras do amor no século XVII — se comportavam com os seus adoradores. É uma espécie de estatuto, em que a matéria, cheia de graça, está disposta por artilhos. Nêle se precisa que as irmãs devem guardar certa preferência pelos namorados que escrevem maior número de cartas, que são epistolarmente prolixos e que prodigalizam as subtilidades e os jogos de palavras. Ensina-se, igualmente, que se não deve responder nunca antes da terceira carta; que se devem alternar as «cartas de ciúmes» com as «cartas de saudade», para que não seja tudo, nem doce nem amargo; que, para as cartas sentimentais, a interessada pedirá à «mãe escreva» tinta vermelha para desenhar um coração, que dirá estar feito com o seu próprio sangue; que para as «cartas de ausência», as mais tristes, deverá servir-se de dois fineteiros, um cheio

AS CARTAS DE AMOR EM PORTUGAL

PELO
DR. JÚLIO DANTAS

(CONTINUAÇÃO)

de tinta para escrever e outro de água, com que salpicará o papel para simular as lágrimas. As cartas seculares imitavam as religiosas. Redigiam curtas parecidas, igualmente ininteligíveis e perfumadas com água de Córdova, perfume então na moda. E o português de 1630, tão devoto como cavalheiro, o português pintado por Velázquez, melancólico, taciturno, todo vestido de negro, caía em êxtasis porque entre os seus dedos palpitava êste papelinho de mentira e de frivolidade.

Com o século XVIII, «êsse século que deu a nota do escândalo, mas que conheceu o amor», se há que acreditar nos Goncourt, a carta amorosa perdeu muito do seu carácter «freirático». Conserva ainda muitos dos seus antigos preceitos — «pastilhas de âmbar e de açúcar» —, mas converte-se em algo mais simples, mais natural, mais elegante, mais sóbrio; cria-se uma fórmula para as declarações de amor, que as torna todas parecidas, na expressão do Cavalheiro de Oliveira.

Desde as cartas da religiosa Carlota, publicadas recentemente, pelo sr. António Beirão, até às cartas amorosas que o grande Marquês de Pombal dirigia, aos 60 anos, à francesa de quem estava enamorado, decorre um largo período em que se acentua neste género de literatura a facilidade e a simplicidade do estilo. As cartas estavam escritas em papel festonado de forma triangular e fechadas com obreus, de côres diversas.

Não se pode imaginar, diz o autor da «Descrição da cidade de Lisboa» (1738), com que destreza as mulheres portuguesas, na igreja, encapuchadas nos seus mantões negros, recebiam as cartas de declaração que os enamorados deixavam deslizar ao oferecer-lhes a água benta.

É ainda o Cavalheiro de Oliveira quem, na sua sétima carta, nos dá o tipo da declaração de amor no século XVIII. Ei-la aqui textualmente:

«Constrangido irresistivelmente, vou revelar-lhe nesta carta um segredo desde há muito occulto. Faz hoje um mês que vos vi pela vez primeira e desde então não mais deixei de amar-vos. Não se jais cruel, não vos melindreis na mais insignificante parcela do vosso ser por esta confissão. Como se poderia deixar de admirar uma beleza como a vossa, sem incorrer na maior injustiça? O amor é o mais rico adorno da beleza, e o que vê a beleza sem amor, fira-lhe as galas duma maneira tão indigna que merece castigo. Se, pelo contrário, quereis castigar-me por haver cumprido o meu dever, aqui me fendes. Não merecendo a vossa aprovação perco um bem mais precioso que a própria vida. Acabai a vossa cruel tarefa: matai-me.»

Já não é de Gôngora, é de Marivaux. Através destas simples linhas, se veem os cabelos empoados, as casacas de sêda, o adejar dos leques, o passo do «minuete». Na sua forma profocolar, é rápida, fria, sorridente, elegante como uma reverência, é a carta do amor escrita e trocada pelos pares de namorados que se beijavam nos jardins de Quêluz e que entrevemos ainda hoje nos fênes «panneaux» dourados da «Sala das Merendas».

A vibração, o estremecimento humano da verdadeira paixão, recebe-o somente depois pela alma livre e ardente do Romanismo.

O grande século das cartas apaixonadas e arrebatadoras é o século XIX. Mas todo êste tesouro de sentimentalidade pertence já ao nada. As cartas de mulheres com que se poderiam ter formado admiráveis volumes, estão hoje sepultadas em cinzas. Dormem para sempre com as finas e brancas mãos que as escreveram e com aqueles corações que latjaram ao ritmo emocionante das suas frases.

Garrett, o que tanto amou, disse-o, ao afilar ao fogo as frescetas cartas de amor da Viscondessa da Luz: «Que doce é o perfume das cartas de amor quando ordem!»



«ORFEÃO ACADÉMICO DE LISBOA»

A actual direcção está intensificando os laços de solidariedade, não só entre toda a academia da Capital, mas desta com as restantes do país, e sobretudo Coimbra, onde brevemente o «Orfeão» deve ir, a convite do respectivo «Orfeão Académico».

Em 22 do corrente realiza-se em Lisboa, no Teatro Politeama, a apresentação solene do «Orfeão», com a assistência do Chefe do Estado, Governo, Presidente da Câmara e Reitor da Universidade, seguindo depois o mesmo em excursão pelo continente e ilhas, devendo realizar também, ainda êste ano, uma viagem ao estrangeiro.



BEIRA ALTA — Mulher de Lamego

A MULHER DA BEIRA

Por LUÍS CHAVES



BEIRA LITORAL — Mulher de Ílhavo



BEIRA LITORAL — Mulher de Murtosa

A Beira, — falo da Beira histórica, — é a provincia mais variada que temos em Portugal. Que admira? Se ela *grosso modo* se estende O-E, do Atlântico à fronteira castelhana, e N. S. do Douro ao Tejo!

Beira-Litoral, Beira-Marítima ou simplesmente *Beira-Mar*, na descida, luxuriante e policrômica, do centro planáltico para a costa; — *Beira-Alta*, no planalto médio, bordado de montanhas; — *Beira-Baixa*, na planície agrícola entre as montanhas e o Tejo: — eis as variantes genéricas do antigo «Principado da Beira».

Com tão diversas condicionalidades mesológicas, variado feria de ser o aspecto etnográfico. Almas e corpos haveriam de modificar-se na razão dos elementos influidores no *habitat*. Assim é. Da região farta ao rincão *sávaro*; da costa ao planalto; do vale à serra: da várzea à charneca; — ceus húmidos e ceus secos; policromia viva do litoral ao monocromismo serrano ou charnequenho; — almas para Deus ou almas para o diabo, consoante a vida se abre em promessas ou fecha em desesperos; — são factores que influem na maneira de ser a gente, quer materialmente quer espiritualmente.

A mulher beirã de uma forma geral apresenta, em função desses factores externos, os três tipos principais: — *litoral* e *marêzinho*, — *serrano*, — e de ao pé da Serra com os dois subtipos: *ribeirinho* a par do oceano, *charnequeiro*, da Beira-Baixa. Isto, sem atender aos tipos secundários mais ou menos isolados. E', pois, no seu aspecto global a mais diferenciada e profeca de todas as mulheres portuguesas.

O *marinhão* dedica-se por preferência à faina do Mar: se é lavrador na terra que o Oceano enfarfa, é pescador, é moliceiro, — que sei! — nas ondas. A mulher completa-o como um caixeiro é o tentáculo do patrão da loja: nereida, cerce, driade... e anjo-da-guarda, quando elle anda nas águas do mar e ela reza à Senhora dos Navegantes ou da Bonança.

O tipo central da mulher litoral está definido pela *ovarina* ou *varina*, específica designação da mulher de Ovar, — no sentido da região da Ria de Ovar, — que se estendeu a toda a mulher da costa entre Ovar e Mira, e ainda a Espinho arriba e Buarcos abaixo.

A ovarina é sereia no mar, tem a elegância de peixe na água; metamorfosia-se em terra: saia arregaçada, chapellino miúdo na cabeça, pés nus, quando faina; de andaina rica, chaile franjado, chinelas pespontadas, que os sapatos vão desbancando, e muito ouro.

Mais requinte, menos requinte,



BEIRA ALTA — Lavradora de Pinhel

emparceiram com ela em rivalidades as mulheres da Murtosa e de Ílhavo. Esta mulher marinha, após as donas e areais abaixo da região da Ria, vai reaparecer, menos ovarina e mais tricana, em terras da Figueira-da-Foz. A ela se refere a quadra popular:

As meninas da Figueira,
O seu dote é uma cêsta;
Andam de porte em porte:
Quem merca a sardinha frêscã (!).

Para o inferior, mas na zona baixa do litoral, o tipo feminino vai-se diluindo lentamente para fora do cunho ribeirinho, através da bacia inferior do Vouga, e pelas várzeas risonhas. Até, num misto de caracteres, surgir a *tricana*, a mulher dos campos do Mondêgo inferior, cujo tipo urbano se concentra em Coimbra e desborda nos arredores. Mancha leve de gaivota, alegre se trabalha no campo, alegre se corre a cidade santa do ribeirinho campaniço do Mondêgo, alegre se lava e canta no rio, — vai transformar-se num carvão de Gavarni ou Whistler, quando ao Domingo passeia a santidade sossegada do descanso, com o chailito negro mui cingido.

Sobe-se ao planalto central; sobe-se às montanhas que o abordam pelo Poente e Sul; vamos topar com a mulher serrana, tons escuros que contrastam com a policromia ou, pelo menos, com a mancha clara e alacre da mulher campaniça na zona baixa do litoral. Define-as no Sul, de Coimbra para as serranas próximas, e define-as pitorescamente Mestre Gil em *O Juiz da Beira*:

As serranas Coimbraes
E as da Serra da Estrêla,
Por mais que ninguém se vela,
Valem mais que es cidadans:
São pastoras são louçans,
Que a todos fazem guerra
Bem desde o cume da serra (2).

Domina o burel e o briche. Rudeza de tecido e primitivismo de forma. A *capucha* das «capucheiras» serranas é característica: forma o modelo de que irradiam diferenciações: — maior ou menor altura, variedades no corte, capuz redondo ou em bico-de-saco, falta de capuz, substituído pelo *ãbeiro* (chapeirão de grandes «abas», — o «aguadeiro» = «aguadoiro» do Alto-Alentejo, o «sombreiro», à castelhana, pela raia); simplificação no avental rodado, a apertar no pescôço, e a descer a alturas diferentes, — e daí a saia, posta aos ombros como capa da capucha. Saías amplas, polainicas de tomentos, socos de pau na base e coiro rijo na

(1) Pedro Fernandes Tomás, *Canções Populares da Beira*, Coimbra, 1923, pág. 258.

(2) Gil Vicente, *Obras*, Lisboa, 1852, vol. III, pág. 189.

À MARGEM
:: DOS ::
: FACTOS :

CRÓNICA

: Por Mateus Moreno :



As reparações de guerra

O problema das reparações de guerra começa, eu-fim, a interessar, não só o governo da ditadura, mas a opinião pública portuguesa. Ele é, evidentemente, duma importância enorme para Portugal, em virtude das circunstâncias especiais em que fizemos a guerra e da forma *sui-generis* como foi contraída a nossa dívida respeitante à mesma.

Porque não se limita esta aos 20 milhões de libras que se tem de pagar à Inglaterra, mas também a outra, ainda maior, que chamaremos *interna* e que atinge, números redondos, mais 52 milhões, assim especificados, segundo o antigo ministro sr. Vêlhinho Correia:

Banco de Portugal	14.500.000	£
Bilhetes de Tesouro	12.000.000	>
Caixa Geral de Depósitos	5.500.000	>
Prejuizos da economia nacional	20.000.000	>

Não entrando em linha de conta com alguns milhares de vidas perdidas, capital precioso que a nação jámais pode reaver, a guerra custou-nos, assim, a importância total de 72 milhões de libras, para a amortização dos quais, segundo o Plano de Dawes, a Alemanha deve pagar-nos anualmente 0,75 % do fixado como anuidade móvel das reparações devidas por aquele país aos aliados, que participam, perante essa anuidade, das seguintes percentagens:

França	52	0/0
Inglaterra e domínios	22	0/0
Itália	10	0/0
Bélgica	8	0/0
Sérvia	5	0/0
Estados Unidos	2 1/4	0/0
România	1,1	0/0
Japão	0,75	0/0
Grécia	0,4	0/0

Após a abertura da nova conferência dos peritos internacionais, agora iniciada em Paris, a fim de estudar o «regulamento definitivo» das reparações de guerra da Alemanha, a imprensa alemã tem-se manifestado contra a ideia da obrigatoriedade do pagamento das ditas «reparações» por outra forma que não seja a de assegurar as «indenizações» de factos que pertencem ao passado, e ainda contra a ideia de que a Alemanha tem «responsabilidades morais» da guerra.

Os partidários de Stressemann, o grande caudilho do partido populista, pretendem assim fazer vingar a tese de que *todos puseram igualmente as mãos no crime de Agosto de 1914* e que é «injustiça afirmar que a Alemanha foi a única culpada» . . .

Um dos pontos criticos que deve, sobretudo, interessar Portugal, nesta nova conferência, é o propósito em que o grande credor dos aliados — os Estados Unidos —, e o seu grande devedor — a Alemanha, — estão de defender que «o problema das reparações não tem nenhuma ligação com o das dívidas inter-aliadas.» Tal não é, porém, verdade. Entre um e outro, diz Mr. Pierre Bruneau, há um paralelismo completo. A nota Balfour: *a Inglaterra não deseja receber dos seus devedores, os Aliados e a Alemanha, senão as sômas necessárias para o pagamento das suas próprias dívidas aos Estados Unidos*. é uma confirmação de tal assêrto. E é assim que, actualmte, a maior parte dos credores da Alemanha pagam as suas dívidas de guerra com as receitas do Plano Dawes, embora procurem reservar uma certa importância para o seu orçamento.

Tenente Alcino de Vasconcelos

Foi completamente ilibado das graves acusações que lhe haviam sido imputadas, e reintegrado no seu respectivo lugar, em Angola, o Encarregado do Governo do Distrito do Zaire, sr. tenente Alcino de Vasconcelos, a quem por tal motivo os seus numerosos amigos lhe ofereceram um banquete de homenagem, no restaurante Tavares.

Alcino de Vasconcelos foi um dos mais laureados

alunos da Escola Superior Colonial, e em todos os transees tem procurado sempre honrar a dita Escola. Por êsse motivo aqui o saudamos.

Livros novos

Imaginários e Barristas — Presépios de Évora

Apontamentos para estudo, por João Rosa, da Associação dos Arqueólogos. — Imprensa Nacional de Lisboa, 1929.

É uma formosa *plquette* de 32 páginas, em belo *couché*, ornada de curiosas gravuras, algumas reproduzindo desenhos ou aguarelas de Alberto de Sousa.

O autor da «Iconografia Artística Eborense» continúa a afirmar neste trabalho o seu grande amor à terra natal, a sua Évora encantadora, que bem merece ainda os títulos que lhe dá, pelo precioso património artístico que encerra, de «relicário de arte» e «paraíso de arqueólogos e de aguarelistas».

O culto do Deus-Menino, traduzidos nesses «pequenos cosmos coroplásticos das natividades», que, segundo o dr. Virgílio Correia, «entraram no domínio da arte, em Portugal, ligados ao nome de Machado de Castro», e em que Luís Chaves encontra Coimbra, Alcobaça, Évora, Lisboa e Tomar, dando a moda nos séc. xvii e xviii, «com escultores e barristas óptimos», enchendo-se os conventos, primeiro de estátuas e grupos, depois, no segundo desses séculos, «mais mundano, versalhesco, de presépios mais ou menos sumptuosos».

Dada a raridade, cada vez mais acentuada, das reliquias coroplásticas, é de todo o ponto justo que todos os investigadores procedam como o sr. João Rosa, mimoseando-nos ao menos com as recordações da sua «distante adoleseência».

As recordações do erudito autor dos *Presépios de Évora* são, porém, suficientemente documentadas para que o seu trabalho não deixe de ficar valendo como verdadeiro estudo.

Índice de Livros—Madrid.—Todas as pessoas que desejem saber que livros aparecem mensalmente em Espanha, bem como as características de cada, devem ler este *Índice*, excelente revista mensal de bibliografia, cuja administração (Prado, 14, Madrid) envia um exemplar-especimen, grátis, a quem o solicitar directamente.

Nas Serranias da Vida, por D. Maria Isabel Gamito.—É um formoso volume de versos ternos e cheios de sensibilidade, escritos por uma senhora, que, não sendo portuguesa de origem, nos revela, todavia, uma alma verdadeiramente portuguesa.

Cultura—É o título duma nova revista que vai aparecer em Lisboa, sob a direcção do dr. Campos Lima —rua Actor Taborada, 27-2.º-Dir.

Estatísticas

Em 1926, dizem as estatísticas, residiam em França, 50:000 americanos, 60:000 alemães e 84:000 ingleses.

Quantos portugueses e . . . portuguezinhos ficaram em França, depois da grande Guerra? Eis uma estatística muito curiosa, que julgo estar ainda por fazer.

A «Alma Nova» e os seus Amigos

Muita da elaboração já anunciada, não nos é possível publicar ainda hoje, por falta de espaço. Auxilíenos cada leitor, obtendo pelo menos um novo assinante, e a *Alma Nova* em breve duplicará o número das suas páginas.

Entre os nomes de pessoas amigas que ultimamente nos tem enviado ofertas e assinaturas para a expansão da revista, é-nos grato salientar os dos ex.^{mos} srs. dr. Afonso Cardoso Pereira, o escritor portuense Guedes de Amorim e a nossa jóven e talentosa colaboradora D. Maria Rosa Guimarães da Silva.

A todos, muito obrigados.

DESEJA

LIVROS, DESENHOS,
GRAVURAS E
TRABALHOS
TIPOGRÁFICOS
ARTÍSTICOS

E

BARATOS



Faça-se sócio da «Cooperativa Editora
RESSURGIMENTO».

Tratar: C. João do Rio, 8-1.º — LISBOA

Sócios de consumo: 1 acção de 20\$00; Sócios

: : : de interesse: títulos de 25 acções : : :.

■ Todos os sócios recebem a «ALMA NOVA» gratuitamente ■

Direito Português

E

BRASILEIRO

Manuel Gomes dos Santos

ADVOCADO

(Com procuradoria no Brasil)

RUA VITÓRIA, 53-3.º

Telefone, C. 3156

L I S B O A

ROYAL-PHOTO

Atelier de arte fotográfica

SANTOS & RAPOSO, L.ª

RUA DO CARMO, 55-1.º

(AO CHIADO)

L I S B O A

GRAN-PRIX

NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO
— RIO DE JANEIRO DE 1923 —